

EDUCAR PARA SERVIR

Pe. Aldo Fernandes da Rocha^[18]

Resumo: O presente artigo quer oferecer uma reflexão sobre a temática da educação como processo humanizante de serviço a todas as pessoas humanas, consideradas em sua situação familiar, eclesial e social. Etimologicamente proposta como “condução para fora”, a educação preconiza um ir ao encontro em várias direções, com único objetivo. Os processos educacionais, munidos de seus recursos, métodos e sujeitos competentes, hão de pactuar pela educação de qualidade e humanizada a nível global. O artigo recolhe indicações que vão desde conceituação e metodologia dos clássicos da filosofia grega, como Sócrates, Platão e Aristóteles, analisando o conceito de educação em algumas perspectivas: antropológico-existencial, teológica e eclesiológica. Ao nível eclesial, propõe-se refletir sobre o Pacto Educativo Global, celebrado pelo Papa Francisco no Vaticano, em 2020, convocando famílias, instituições e governos para elaborar um sistema educacional com novo humanismo. Por fim, o artigo se detém na consideração da Campanha da Fraternidade que a Igreja no Brasil propõe em 2022, com o tema “Fraternidade e Educação” e o lema “Ensina com sabedoria, fala com amor – cf. Pr 31,26”, a fim de estimular os fiéis católicos e pessoas de boa vontade a concretizar o caminho de conversão quaresmal em atitudes de

^[18] Sacerdote do Clero da Diocese de Bragança do Pará. Mestre e Doutor em Teologia Dogmática pela PUC-Rio. Docente de Teologia Dogmática na Faculdade Católica de Belém-PA. Mora em Viseu, na Av. Lauro Sodré, 10 – Centro – CEP: 68620-000 – Fone: (91) 99306.6020. E-mail: aldofdr@gmail.com

fraternidade na caridade operativa, mediante a metodologia ver-julgar-agir. O artigo é concluído com a convicção do autor de que o serviço à pessoa humana e seu desenvolvimento e felicidade integrais é o escopo da educação à luz da fé em Jesus Cristo e da práxis da Igreja Católica, que é mãe e mestra.

Palavras-chave: Educação. Serviço, Fraternidade. Jesus Cristo.

Abstract: The present article wants to offer a reflection on the theme of education as a humanizing process of service to all human people, considered in their family, ecclesial and social situation. Etymologically proposed as “leading out”, education advocates a meeting in various directions, with a single objective. The educational processes, equipped with their resources, methods, competent subjects, will agree for quality and humanized education at a global level. The article collects indications ranging from the conceptualization and methodology of the classics of Greek philosophy, such as Socrates, Plato and Aristotle, analyzing the concept of education in some perspectives: anthropological-existential, theological and ecclesiological. At the ecclesial level, it is proposed to reflect on the Global Educational Pact, celebrated by Pope Francis at the Vatican, in 2020, calling on families, institutions and governments to develop an educational system with a new humanism. Finally, the article considers the Fraternity Campaign that the Church in Brazil proposes in 2022, with the theme “Fraternity and Education” and the motto “Teach with wisdom, speak with love – cf. Proof 31,26”, in order to encourage the Catholic faithful and people of good will to carry out the Lenten journey of conversion in attitudes of fraternity in operative charity, through the see-judge-act methodology. The article concludes with the author’s con-

viction that service to the human person and their integral development and happiness is the scope of education in the light of faith in Jesus Christ and the praxis of the Catholic Church, which is both mother and teacher.

Keywords: Education. Service. Fraternity. Jesus Christ

1. EDUCAÇÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Revisitando os mestres da atividade educacional, encontramos na antiguidade clássica grega os pioneiros Platão (428-348 a.C.), Sócrates (470-399 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.). O primeiro foi aluno do segundo e professor do terceiro. É necessário dizer que os três viveram em ambiente filosófico e político profundamente influente em suas vidas e atuação, de modo que seus conhecimentos valeram a formação de gerações, que inspiram e iluminam ainda hoje os que sentem fascínio pela sabedoria e se empenham na boa arte de educar e governar.

Do ateniense Sócrates, a educação herdou o método chamado “maieutica”, cuja produção de conhecimentos resulta das respostas dadas pelo educando às perguntas provocatórias que lhe são dirigidas pelo educador. “Conhece-te a ti mesmo” é a essência dos ensinamentos do atlético, esportivo, científico e político Sócrates.

De Platão, também nascido em Atenas, a história da educação registra a fundação da primeira instituição educacional de ensino superior do mundo ocidental, que ele intitulou “Academia”. Nela, Platão “dedicou-se à formulação de teorias destinadas a políticas para a constituição de um Estado justo composto por cidadãos virtuosos”^[19]. O método

^[19] PEREIRA, Lúcia Conceição. *A educação segundo Platão*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/a-educacao-segundo-platao/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

filosófico e educacional de Platão é a “dialética”. Por meio de diálogos, Platão levava seus interlocutores a produzir conhecimentos e compartilhar com eles sua sabedoria, totalmente voltada para a consecução de um preciso objetivo: o Estado justo e perfeito, construído pelo empenho educacional do bom governo do homem virtuoso e disciplinado.

Para Platão, a educação, a política e a ética constituíam a base da formação integral do homem virtuoso, capaz de dominar as paixões e de argumentar pela retórica, podendo, por isso, tornar-se governante da “pólis”, filósofo e sábio. Em seu Diálogo intitulado “As Leis”, Platão “aborda o ideal político frente às contingências históricas, versa sobre a verdadeira finalidade da educação e sobre as premissas que norteiam o educador para sua realização”^[20].

Para Aristóteles, a educação é fundamental porque se destina à segurança e a saúde do Estado, que é ação da competência do cidadão. Para ele, a educação se destina à perfeição da cidade e à felicidade do cidadão. Sendo a “pólis” um organismo vivo, o homem se destina a viver em sociedade política. Por isso, na Grécia, educação tem tudo a ver com política. Em sua obra intitulada “Política”, Aristóteles põe em relevo a função da educação de desenvolver as condições necessárias do regime de governo seguro e promotor da felicidade do cidadão, fornecendo a unidade orgânica do Estado e envolvendo toda a vida do cidadão.^[21]

Aristóteles preconiza na educação a futura atividade de legislar e governar. Da educação virá o governo; do educar, o governar, do cidadão feliz, a cidade perfeita. O legislador terá como funções: guiar os cidadãos na prática das virtudes, ocupar-se da educação dos jovens, estabelecer que promo-

^[20] Ibidem.

^[21] Cf. CABRAL, João Francisco Pereira. *Aristóteles e a educação*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/aristoteles-educacao.htm>. Acesso em: 22 fev. 2022.

vam equilíbrio entre educação, vida moral e a manutenção do Estado, tornar a educação um assunto de interesse público, harmonizar as finalidades da vida individual com as finalidades da vida política.

A felicidade coincide com o exercício das virtudes de modo tal que, sem cidadãos virtuosos, o Estado se corrompe. Observando a práxis governamental ao longo de todos os séculos, Aristóteles tinha realmente profetizado, restando a esperança de que seu postulado positivo de governo sadio exercido por indivíduos e grupos sadios e virtuosos acabe por gerar estruturas promotoras da vida digna e feliz para a população.

Por outro lado, virtudes não se improvisam. Tudo deve começar bem cedo e de modo articulado entre família e Estado. Aristóteles preconiza esta articulação considerando as várias etapas etárias do cidadão: pais e Estado se empenham na promoção do bem público através da educação familiar, privada e pública, cuidando da alimentação das gestantes no período pré-natal, da nutrição dos nascituros (1 ano), da pequena infância (2 aos 5 anos), primeira infância (5 aos 7 anos), educando as crianças aos movimentos e primeiras lições; depois disso, a educação da pré-adolescência (7 aos 14 anos) e da adolescência (de 15 a 19 anos) tendo como base para estes períodos a literatura e as ciências. Quando o indivíduo completar a maioridade e prestar o serviço militar, a educação continua até os 35 anos, quando a pessoa estiver capacitada para governar, tendo provado possuir o domínio de si e das necessidades da cidade.

A felicidade da cidade vai resultar da sabedoria e da vontade educada dos cidadãos. Para isso tende a virtude, como bem divino por excelência, acolhido pela pessoa como um hábito voluntário, estimulado pela educação. Neste processo, enquanto o educador verá que a alma possui duas partes (a racional e a privada), concernentes à lógica e aos

sentidos e paixões, a educação há de considerar a parte superior da alma e estimular o indivíduo à prática de virtudes intelectuais (sabedoria, inteligência, bom senso e justiça) e morais (generosidade e temperança).

O papel da educação será exatamente o de despertar as virtudes morais na alma a fim de que os bons atos se tornem habituais, e o indivíduo progrida na prática do bem, da verdade e da justiça.^[22]

Partindo desta visita aos clássicos, a temática pode ser analisada de várias perspectivas. Nesta abordagem, a educação será analisada em três perspectivas: antropológico-existencial, teológica e eclesiológica.

2. EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICO-EXISTENCIAL: EDUCAR PARA SERVIR E SER FELIZ

Educar (do latim: *educere*) significa literalmente “conduzir para fora”. Trata-se, ao mesmo tempo, de ação servil humana pela qual os povos se desenvolvem, atuam e influenciam na história.

A educação supõe a iniciativa e atitude de “sair de si” e “caminhar junto com os outros”, uma experiência fundamentalmente sinodal (do grego: *syn* – juntos; *odos* – caminhar). É um dar e receber, em permanente reciprocidade, gerando e trocando aprendizados, compartilhando saberes e sabedorias, construindo civilização de pessoas capazes de amar a tudo e a todos.

A educação é habilidade humana e dom divino que rimam com o serviço à vida das pessoas humanas e do planeta, presente e futura. Ela é um apelo existencial que acompanha

^[22] Cf. CABRAL, João Francisco Pereira. *Aristóteles e a educação*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/aristoteles-educacao.htm>. Acesso em: 22 fev. 2022.

o ser humano desde seus primórdios vitais e o segue ao longo de seu percurso histórico, ultrapassando-o e alcançando a vida eterna mediante a práxis da fé.

Como princípio e processo, a educação requer cuidados que solicitam educadores e educandos, docentes e discentes, pessoas, estruturas e recursos, governos e instituições para lograr o êxito da felicidade pessoal e coletiva e vista do desenvolvimento das capacidades humanas e da produção do bem comum para o Estado.

No advento do atual perfil da educação, filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles e os demais interessados nas temáticas pedagógicas indicaram métodos educacionais e de produção de conhecimentos, bem como inspiraram as atuais gerações a melhorar sempre mais a herdade transmitida para favorecer, na corresponsabilidade, as buscas científicas mais sofisticadas e necessárias para viabilizar vida humana e a convivência no planeta, plena e feliz para todos.

Educar é servir a todos com o melhor modo que a realidade das pessoas o exijam. Servir educa o servo e quem serve educa e é educado. Educação constrói um novo humanismo, a cultura do diálogo e do respeito pela diversidade, o interesse pelo bem de todos e a atenção à pessoa mais frágil e mais empobrecida. Para isso, agências, sistemas e métodos educacionais devem se articular em vista de um escopo triádico, válido para todos: a consecução da verdade, da justiça e da paz.

3. EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA TEOLÓGICA: DA PEDAGOGIA DA LEI AO DIVINO MESTRE JESUS

Na Sagrada Escritura, a pedagogia divina se revela na obra da criação (cf. Sl 104,24) e nas pessoas que falam com amor em nome de Javé (cf. Ecl 10,12). De geração em ge-

ração, de pais a filhos e netos, a educação se perfaz (cf. Pr 22,6). O princípio da sabedoria está no temor do Senhor (cf. Pr 9,10), a sabedoria é o espírito amigo dos homens (cf. Sb 1,6) e a boca mentirosa mata a alma (Sb 1,11).

Por outro lado, a Lei dada por Javé a Moisés é o código da Aliança e a luz educativa e pedagógica do Povo que Javé escolheu como seu. Os sábios o revelam na exaltação contínua da Lei e no seu permanente ensino: “A lei do Senhor é perfeita, e revigora a alma. Os testemunhos do Senhor são dignos de confiança, e tornam sábios os inexperientes” (Sl 19,8). Uma coisa o sábio pede diariamente a Javé: “Dá-me entendimento, para que eu guarde a tua lei e a ela obedeça de todo o coração” (Sl 119,34).

A partir da Aliança do Sinai, onde Javé deu ao Povo a Lei por meio de Moisés para que tivesse papel identitário, cuja identidade era marcada visivelmente pela circuncisão, esta Lei se torna pedagoga, de modo a conduzir o povo história a fora rumo à sua plenitude, na qual Javé há de enviar seu Messias. Enquanto o tempo amadurece o povo para acolher o Messias, a Lei tornará Israel um povo de sábios e santos: “Portanto, obedeçam fielmente a todas essas leis, e assim os outros povos verão que vocês são sábios e inteligentes. Quando ouvirem falar dessas leis, eles dirão: ‘Como é sábio e inteligente o povo dessa grande nação!’ (Dt 4,6-8).

Ao longo da história da salvação, Javé vai se revelando ao povo de Israel como pai e mãe, que jamais abandona seu povo e o tem tatuado na palma de sua mão (cf. Is 49,15-16). Com Israel, Javé quer se casar, desposando o povo como a uma noiva, gerando filhos desta mística união, formando sua família, prelúdio do futuro e novo Povo de Deus que, partindo de Pentecostes, será gerado no Batismo e mantido pela Graça da Palavra amorosa e da Páscoa do Filho amado, que se atualiza na comunidade pela Eucaristia, cuja tradição (do latim: *tradi-*

tio; tradere – entregar; transmitir) constitui o ambiente onde se recebe o que foi transmitido (cf. 1Cor 11,23). Nisto consiste a catequese e sua missão irradiadora do Evangelho da salvação.

Do Antigo ao Novo Testamento, percebe-se uma continuidade pedagógica. E, como no período profético, a educação pressupõe sempre conversão. O Novo Testamento é inaugurado por um pregão de mudança de vida: “O tempo se completou, o Reino de Deus está próximo; convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Não existe educação sem mudança de mentalidade. O discípulo não está acima do seu mestre, mas todo aquele que for bem preparado será como o seu mestre (cf. Lc 6,40).

Os evangelhos situam Jesus em permanente atitude docente. Jesus é o Mestre que ensina com sabedoria porque fala com amor. Nos Evangelhos, Jesus de Nazaré ensina: é o docente do Reino do Pai, o profeta escatológico dos últimos tempos, o divino pedagogo que o Pai enviou. Ele ensina as multidões (cf. Mc 2,13; Mt 7,28), nas sinagogas (cf. Lc 13,10), nas festas que aconteciam no Templo de Jerusalém (cf. Jo 7,14), pelas cidades e povoados (cf. Lc 13,22; Mc 6,6); ele foi julgado pelas autoridades judaicas por causa dos seus ensinamentos (cf. Jo 18,19); Jesus ensinava durante o dia todo (cf. Lc 21,37).

O ensinamento de Jesus não é dele mesmo, mas do Pai que o enviou como “luz que ilumina todo homem que vem a este mundo” (Jo 1,9; cf. Jo 7,16). Jesus ensina seus discípulos a orar (cf. Lc 11,1). Diziam a seu respeito que “ninguém falou como este homem” (Jo 7,46). A educação na prédica e na práxis de Jesus revela equilíbrio, equivalência e coerência e fascina seus ouvintes, que proclamam: “ele fez bem todas as coisas: aos surdos faz ouvir, e aos mudos, falar” (Mc 7,37). Jesus é o dito e o feito de Deus. Daí deriva sua autoridade: “ele fala como quem tem autoridade e não como os mestres da

lei” (Mt 7,29). Jesus advertiu seus discípulos acerca do “fermento dos fariseus e de Herodes” (Mc 8,15). Se os discípulos descuidarem, poderão ser vítimas dos espertalhões fariseus e cooptados pelas ideologias do mau governo de Herodes.

Na perspectiva cristológica, educar é preparar para tornar-se dom para os outros: “dai e vos será dado” (Lc 6,38). Os discípulos do Mestre Jesus foram educados para saírem de si, para a alteridade, para o amor recíproco: “amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 13,34). Eles serão reconhecidos pela prática do amor fraterno (cf. Jo 13,35). A congregação dos discípulos de Jesus, a sua Igreja, terá características visíveis que lhes distinguem dentre todos: os primeiros cristãos viviam numa conduta animada pelo amor operativo e educativo, a *ágape*: eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos, a *didaskália*, e à comunhão a *koinonia*, partiam o pão pelas casas, comiam juntos, servindo os mais pobres, pela *diaconia*, e oravam juntos, através da *leitourgia*.

Os cristãos mantinham-se unidos e tinham tudo em comum, vendendo suas propriedades e bens, distribuindo a cada um conforme a sua necessidade. Tal ética comunitária fascinava a muitos, despertando a simpatia do povo e aumentando numericamente a cada dia (cf. At 2,42-37). Tal maneira de viver incomodou a muitos pagãos e governantes. Ao invés de se arrefecer o ânimo, cheios do Espírito, com audácia pertinaz e radical (*parresia*), os cristãos se mantinham firmes no ensinamento de Jesus até ao ponto de morrer por causa da fidelidade ao Reino: a isso deu-se o nome de testemunho ou *martyria*.

Os mártires foram reconhecidos como santos e estes assumiram dentro da comunidade um papel igualmente pedagógico, pois passaram a inspirar criativas maneiras de testemunhar a pertença ao Reino de Deus no seguimento de

Jesus Cristo e de seu Evangelho no meio das realidades do mundo. Do ponto de vista escatológico, o convívio intenso na comunidade terrena ultrapassava o limiar do tempo e continuava no pós-histórico, através da comunhão dos santos, a *communio sanctorum*.

4. EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA ECLESIOLOGICA: A IGREJA É MÃE E MESTRA

Nas comunidades cristãs do Novo Testamento, o Povo de Deus é reconhecido como “família de Deus” (cf. Ef 2,19). *Famulus* (do latim) significa servo. A família é um sistema de servidores interligados e universalmente integrados. A mãe do Filho de Deus, Jesus Cristo, se proclama “serva do Senhor”, que vai educar Jesus com sua maternidade, educação e companhia. Tal companhia educativa continuará junto aos discípulos de seu Filho, em Jerusalém, no ambiente da revelação pentecostal (cf. At 1,14). Maria assume a maternidade espiritual e educacional da Igreja primitiva.

A educação vai integrar fé e convivência social ao longo de toda a história da Igreja, na tentativa de equilibrar os discípulos de Jesus para uma atuação sempre mais efetiva na sociedade em que vivem. Com o passar dos séculos, a partir do reconhecimento de Constantino, admitindo a religião cristã no império romano, o cristianismo abrirá escolas de ensino da Palavra e da cultura derivante do Evangelho, tais como a de Antioquia, na Síria, e a de Alexandria, no Egito, com mestres e doutores, do Oriente e do Ocidente, de grande envergadura, que sistematizaram os conteúdos da Fé em uma nova Ciência: a Teologia.

Nomes como Clemente e Justino de Roma, Policarpo de Esmirna, Atanásio de Alexandria, Irineu de Lion, Orígenes, Tertuliano, Cipriano de Cartago, Basílio, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, Cirilo de Jerusalém, Gregório Magno, Cirilo

de Alexandria, João Crisóstomo, João Damasceno, Jerônimo, Eusébio de Cesareia, Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona, Alexandre de Hales, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura, João Duns Scotto e todos os demais chamados “Padres da Igreja”, constituíram a elite educacional das diversas etapas do acúmulo magisterial eclesiástico na era apostólica, apologeta, patrística e escolástica.

De sua multissecular experiência em educar, a Igreja foi desenvolvendo as universidades, iniciadas em ambientes monásticos, propícios à oração e reflexão, graças ao silêncio. Dos estudos teológicos, as universidades católicas acolheram todas as áreas do conhecimento científico e técnico, ocupando cada vez mais o espaço e exercendo frutuosamente o carisma do ensino e aprendizado. De fato, como afirmava São Cipriano de Cartago em *De Ecclesiae Catholicae Unitate* 6: “Ninguém pode ter a Deus por Pai, se não tem a Igreja como Mãe”. A partir disso, cresceu em ambiente eclesial católico a convicção de que a Igreja é Mãe e Mestra. No amor nutritivo dos filhos, a Igreja desempenha seu carisma materno; enquanto ensina e defende a fé dos fiéis, exerce seu carisma magisterial.

Os sínodos e concílios foram, na Igreja, os fóruns privilegiados de amadurecimento teológico e humanizador dos fiéis. Documentos como os símbolos da fé, constituições, decretos e declarações enriqueceram progressivamente o patrimônio literário da Igreja, com ensinamentos de permanente validade. Além disso, sujeitos eclesiais como papas, bispos e teólogos contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da pesquisa teológica, a preservação da fé dos fiéis (o *sensus fidei fidelium*) e a vigilância da ortodoxia e da ortopraxis em matéria de fé e de costumes.

Para confirmar a necessidade de um carisma evidentemente cristológico e eclesial, o Papa Pio XI proclamou o dog-

ma da infalibilidade papal na Constituição Dogmática *Pastor Aeternus*, do Concílio Vaticano I, em 1870. Nesta importante Constituição Dogmática encontra-se a convicção católica de que “alimentamos a esperança de podermos manter-nos na única comunhão pregada pela Sé Apostólica, porque nela encontramos toda a verdadeira solidez da religião cristã”^[23]. E o Concílio Vaticano II confirmou a validade deste dogma através da Constituição Dogmática *Verbum Domini*, sobre a divina revelação, ao afirmar que “Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos”.^[24]

Embora de caráter declaradamente eclesiológico-pastoral, o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi o maior evento educativo da Igreja no século XX. Em quatro constituições, nove decretos e três declarações, o Concílio Vaticano II recolheu o que havia de melhor herdado dos movimentos bíblico, patrístico, litúrgico, leigo e teológico para empreender uma renovação interior bidimensional (dimensão *ad intra*) e atualização (*aggiornamento*) que lhe capacitasse ao diálogo ecumênico e com as pessoas de todos os segmentos sociais, eclesiais e religiosos, e até mesmo com os que se declaram sem religião, a fim de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo a todos os povos, por Ele iluminados, amados e salvos (dimensão *ad extra*).

No tocante à educação, o Concílio Vaticano II considerou a gravíssima importância da educação na vida humana e no progresso dos povos em todos os tempos. Já em seu próêmio, na Declaração *Gravissimum Educationis*, os padres conciliares dizem que “na verdade, a educação dos jovens,

[23] CONCÍLIO VATICANO I. Constituição Dogmática *Pastor Aeternus*, sobre a Igreja de Cristo e a infalibilidade do Romano Pontífice. cap. IV.

[24] CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Divina Revelação, n. 7.

e até uma certa formação continuada dos adultos torna-se, nas circunstâncias atuais, não só mais fácil, mas também mais urgente”^[25].

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja penetrou em extensas pautas, que exigiram sua acolhida nas Nações através das Conferências Episcopais Continentais, sobretudo na América Latina, desde a Conferência de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), e consequentes habilitações e novos desdobramentos de seus ensinamentos nas Conferências Episcopais Nacionais, das quais merece destaque a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, com vasta experiência em campo doutrinal, de ensino da fé e influência na tecitura social brasileira e, solidariamente em missão, noutras nações.

Particularmente importante em sentido educacional, a Conferência de Aparecida colocou em relevo uma das sombras da atuação da Igreja na América Latina no fato de “não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por amplo pluralismo social e cultural”^[26].

Fundada a 14 de outubro de 1952, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, a CNBB já acumula a experiência de 70 anos de exercício do apoio às dioceses e comunidades da Igreja no Brasil, com efetiva participação no Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM, e reconhecida atuação nos processos de construção da paz, da promoção humana e da evangelização fiel ao Evangelho de Jesus Cristo.

Segundo Jaci Candioto, o Documento de Aparecida “constata que a linguagem empregada na evangelização, na

[25] CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Gravissimum Educationis*, 1.

[26] CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, Texto conclusivo da Vª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007, Aparecida-SP: Paulinas, 2007, n. 99.

catequese e na pastoral é pouco significativa para a cultura atual, especialmente para os jovens”^[27] e a Igreja não garante uma presença influenciadora na geração de cultura, especialmente nos meios universitários e nos meios de comunicação social.

Referindo-se ao ambiente escolar, o Documento indica que é cômputo de uma cultura educativa sua inserção nos problemas do tempo no qual os jovens se encontram. E para isso precisa retrabalhar os “valores perenes no contexto atual”. Quanto às disciplinas escolares, devem ser muito mais do que um saber a adquirir, mas também “valores por assimilar e verdades por descobrir”^[28].

5. PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Marcado por sua formação jesuítica e pela experiência em sala de aula, o Papa Francisco trouxe para dentro de seu pontificado uma particular preocupação com a educação. São frequentes suas intervenções e exortações por uma educação que seja fruto do empenho da família, da escola e da sociedade.

Em sua vocação de educador, a 14 de outubro de 2020, o Papa propôs celebrar a nível mundial um Pacto Educativo Global^[29], convocando instituições, igrejas e governos a

[27] CANDIOTO, Jaci de Fátima Sousa. A educação cristã na atual cultura a partir do Documento de Aparecida. In: *XI Congresso Nacional de Educação. EDUCERE*. 2013. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 23-26/09/2013 (5511-5523) 5515.

[28] CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, Texto conclusivo da Vª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007, Aparecida-SP: Paulinas, 2007, n. 329.

[29] PAPA FRANCISCO. *Encontro “Religiões e Educação: Pacto Educativo Global”*. Discurso do Papa Francisco. Sala Clementina, Terça-feira, 5 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>

priorizar uma educação humanista e solidária como modo de transformar a sociedade. Citando um provérbio africano, o Papa diz que para educar uma criança é necessária uma aldeia. A humanidade toda há de ser uma “aldeia educativa”, promotora de uma educação baseada num novo humanismo.

A iniciativa do Papa Francisco em propor uma aliança global pela educação é iluminada pelo percurso traçado desde o Concílio Vaticano II com a declaração *Gravissimum Educationis*. Sendo que o progresso social da humanidade depende também da educação, esta é compreendida como um instrumento importante para formar as gerações futuras, pois a educação é um “bem comum” e um “direito universal” cujo objetivo é a verdade e a caridade.

Para estabelecer o Pacto Educativo Global, o Papa indicou 7 compromissos:

1. Colocar a pessoa no centro de cada processo educativo
2. Ouvir as gerações mais novas
3. Promover a mulher
4. Responsabilizar a família
5. Abrir-se à acolhida
6. Renovar a economia e a política
7. Cuidar da casa comum.

Com o Pacto, o Papa espera que a educação católica seja esperança para o mundo. Em tempos tão exigentes como os que a humanidade experimenta atualmente, o processo educacional se torna um projeto relevante para todos: educadores, educandos, famílias, instituições governamentais e não-governamentais, igrejas e todas as pessoas que se interessem pelo bem global do planeta, que o Papa ama chamar de “casa comum”^[30].

^[30] Cf. PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

De fato, o caminho educativo das várias gerações compromete a todos, desde os primórdios da existência da pessoa, em sua vida uterina, pois é de lá que os primeiros sinais educacionais, mediante o amor dos pais, manifestado na reciprocidade conjugal, e ao ser humano embrionário, esperado no seio da família, determina já um futuro existencial ainda não desenvolvido, mas possivelmente comprometido pelas mensagens emitidas por quem o espera.

O pacto está lançado e agora toca a cada um, individual e coletivamente, comprometer-se para que se conquiste aos poucos o melhoramento dos processos educacionais, e, por conseguinte, de todo o ambiente e comunidade onde são formados os seres humanos, filhos de Deus. Afinal, não se pode prescindir que é factível afirmar que as pessoas dos futuros governos, técnicos, literatos, empresários e comerciantes, pais e mãos de famílias, enfim, pessoas capazes de influenciar e promover o mundo melhor, sairão todos do processo educacional atual.

Tanto nos ambientes escolares e acadêmicos como na família, na Igreja e na sociedade o bom ou mau futuro depende dos homens e mulheres em atual estado de formação e educação. A educação é sonho divino direito esperado pela humanidade e conquista gradual de pessoas comprometidas que pactuam entre si e suas instituições os esforços para a consecução deste bem de inigualável valor.

6. CF-2022: “FALA COM SABEDORIA, ENSINA COM AMOR” (CF. PR 31,26)

No seio da CNBB surgiu a Campanha da Fraternidade, que coincide com o tempo quaresmal. Desde 1964, a Igreja no Brasil contribui para refletir sobre uma temática de natureza doutrinal ou social, algumas em chave ecumênica, na parceria

com igrejas evangélicas em cooperação com outros movimentos religiosos, com o objetivo de estimular os fiéis católicos e pessoas de boa vontade a concretizar o caminho de conversão quaresmal em atitudes de fraternidade na caridade operativa, mediante a metodologia ver-julgar-agir. Em 2022, a Campanha da Fraternidade aborda o tema “Fraternidade e Educação” e o lema “Fala com sabedoria, ensina com amor – cf. Pr 31,26”.

A Campanha, cuja sigla é CF, tem a finalidade de convocar todos os fiéis para seguir Jesus no caminho de conversão, motivados pelo tempo favorável a isso, dirigindo o olhar, a oração e a ação caritativa para uma temática que emerge da realidade e solicita dos discípulos de Jesus, na Igreja e na Sociedade, condutas e respostas humanizadoras, evangélicas e efetivas.

Sem pretender ser uma panaceia, que remedia todos os problemas, a CF é oportuna ocasião para ouvir o grito de Jesus Cristo: “Convertei-vos e crede no Evangelho, porque o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15).

Na Oração da Campanha da Fraternidade 2022, a Igreja no Brasil suplica de Deus a força e a coragem para exercer sua missão de “educar para a vida plena e família, em comunidades eclesiais missionárias, nas escolas, nas universidades e em todos os ambientes”^[31], falando com sabedoria e educando com amor. E, com o auxílio da Virgem Maria, Mãe educadora, com a sabedoria dos pequenos e pobres, o Senhor ajude a Igreja “a educar e servir com a pedagogia do diálogo, da solidariedade e da paz”^[32].

A metodologia adotada no Texto-Base da CF-2022 sintoniza os aderentes a “escutar” os apelos percebidos na realidade da Educação no Brasil, “discernir” à luz da Palavra de Deus e da sabedoria multissecular, que se acumula na expe-

^[31] CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / Campanha da Fraternidade 2022: Texto-Base. Oração da Campanha da Fraternidade 2022. Brasília: Edições CNBB, 2021.

^[32] Idem.

riência educacional da Igreja nas comunidades, o que o Espírito do Senhor inspira os discípulos missionários de Jesus a fazer (“agir”), mediante iniciativas que promovam a conversão das mentes e dos corações dos fiéis, tornando-os capazes de provocar mudanças nos sistemas e estruturas educacionais em vista da promoção da vida plena para o povo brasileiro.

O objetivo geral da CF-2022 é “promover diálogos a partir da realidade educativa do Brasil, à luz da fé cristã, propondo caminhos em favor do humanismo integral e solidário”^[33]. Deste, derivam objetivos específicos em vista de sua consecução, tais como: analisar o contexto da educação na cultura atual, e seus desafios potencializados pela pandemia da covid-19; verificar o impacto das políticas públicas na educação; identificar valores e referências da Palavra de Deus e da Tradição cristã em vista de uma educação humanizadora na perspectiva das instituições de ensino; incentivar propostas educativas que, enraizadas no Evangelho, promovam a dignidade humana, a experiência do transcendente, a cultura do encontro e o cuidado com a casa comum; estimular a organização do serviço pastoral junto a escolas, universidades, centros comunitários e outros espaços educativos, em especial das instituições católicas de ensino; promover uma educação comprometida com novas formas de economia, de política e de progresso verdadeiramente a serviços da vida humana, em especial, dos pais pobres.^[34]

Com a Campanha da Fraternidade, a Igreja quer escutar as pessoas, sentir e sofrer com elas o drama de suas problemáticas, oriundas das fragilidades do sistema educacional, da escassez de luz nos ambientes educativos e compartilhar a esperança de construir projetos pedagógicos sempre mais

^[33] Idem, p. 19.

^[34] Cf. CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / Campanha da Fraternidade 2022: Texto-Base. Oração da Campanha da Fraternidade 2022. Brasília: Edições CNBB, 2021, p. 19.

inclusivos e promotores da cultura do encontro, da solidariedade e da fraternidade universal, considerando as sofridas lições e os necessários compromissos sugeridos pela pandemia da covid-19. O papel da Igreja é contribuir para a valorização da pessoa, portadora de dignidade, necessidades, deveres, direitos e obrigações individuais, familiares e sociais.

Conjugando informação, conhecimento e sabedoria, a Igreja no Brasil quer despertar em todos os sujeitos sociais e educacionais a alegria de servir na reciprocidade evangélica, tornando os ambientes e contextos, onde se compartilha a cultura, lugares teológicos onde Deus se revela e pode ser encontrado. Ele é a fonte e a meta da cultura humana. Ele inspirou a sabedoria e enviou o seu Filho Jesus Cristo para falar amorosamente com a humanidade. De Jesus Cristo, mestre e educador, aos discípulos educadores, a Igreja quer educar para a fé e o diálogo, para o belo, bom e verdadeiro.^[35]

Educação sem amor, não serve para edificar o mundo melhor, a humanidade renovada e a civilização do amor. Sem sabedoria e amor, não há conexão integradora de tudo e de todos e não é possível a fraternidade universal; aliás, sem isso, torna-se possível um destrutivo e desumano desfrute dos recursos que a “casa comum” dada por Deus nos oferece gratuitamente para que todos tenham vida próspera e feliz. Em uma de suas catequese de Quarta-feira, o Papa reafirmou que se deve cuidar da casa comum, da terra e de toda criatura. “Todas as formas de vida estão interconectadas (cf. Carta Encíclica *Laudato Si*, n. 137-138), e a nossa saúde depende dos ecossistemas que Deus criou e dos quais nos encarregou de cuidar (cf. Gn 2)”^[36].

[35] Cf. Idem, p. 58-84.

[36] PAPA FRANCISCO. Cuidado da casa comum e atitude contemplativa. A reflexão do Papa Francisco. In: REVISTA IHS ON-LINE, 17 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602927-cuidado-da-casa-comum-e-atitude-contemplativa>.

CONCLUSÃO

O serviço à pessoa humana e seu desenvolvimento e felicidade integrais é o escopo da educação. Este é também o objetivo concreto, à luz da fé em Jesus Cristo, o divino educador da humanidade, que a Igreja Católica propõe a todos os responsáveis dos processos e contextos educativos, docentes e discentes, já a partir das suas próprias estruturas educacionais, como a família, a escola e a universidade católicas em comunhão com os demais sujeitos sociais.

São João Bosco, notável educador da juventude italiana no final do século XIX, dizia que “Deus nos colocou no mundo para os outros”. Num processo de educação à cultura do dom de si, a humanidade vai experimentar um novo tempo, nova mentalidade, novo humanismo. Para isso o Concílio Vaticano II iluminou a reflexão sobre o “aggioramento”, a atualização da ação educativa da Igreja para aproximar sujeitos, recursos e metodologias, baseados nos princípios da caridade ensinada e praticada por Jesus, para que a escola, a família e a sociedade, bem como quaisquer interessados no bem comum, empenhassem seus esforços e inteligência na proposição e na concretização de um sistema educacional integrado e humanizador de todas as faixas etárias e níveis científicos.

A pedagogia da Igreja é o amor. Ela recebeu a herdade evangélica de Jesus Cristo, que amou os seus até o fim, e continua animando mistagógicamente seus discípulos em todos os tempos para que se tornem casa e escola de comunhão, na participação e na missão pelo triunfo da vida digna e plena. Há muito o que fazer e o desafio para congregar os técnicos, teóricos e detentores dos recursos tecnológicos, financeiros e patrimoniais que contribuirão decisivamente para o melhoramento do sistema educacional, com qualificado humanismo,

alcança a todos: das mais recônditas comunidades de base, passando pelo ambiente doméstico, até chegar aos governos com cujos projetos educativos serão capazes de mudar a cotidiana e preocupante realidade educacional.

Para tal mudança, serve bem o ideário do Papa Francisco em seu Pacto Educativo Global, em cujo centro está a pessoa humana. É para ela que tudo deve convergir, construir e adequar. A educação inclusiva, respeitosa, edificante propugna vida e um mundo sem males para todos, sinal antecipatório do Reino de Deus, que já está presente e atuando no mundo e na história.

REFERÊNCIAS

CABRAL, João Francisco Pereira. *Aristóteles e a educação*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/aristoteles-educacao.htm>. Acesso em: 22 fev. 2022.

CANDIOTO, Jaci de Fátima Sousa. *A educação cristã na atual cultura a partir do Documento de Aparecida*. In: XI Congresso Nacional de Educação. EDUCERE. 2013. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 23-26/09/2013 (5511-5523) 5515.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da Fraternidade 2022: Texto-Base. Oração da Campanha da Fraternidade 2022*. Brasília: Edições CNBB, 2021.

CONCÍLIO VATICANO I. Constituição Dogmática *Pastor Aeternus*, sobre a Igreja de Cristo e a infalibilidade do Romano Pontífice. Roma: Editrice Vaticana, 1870.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Divina Revelação. Roma: Vozes, 1969.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V^a Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007, Aparecida-SP: Paulinas, 2007.

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

_____. *Cuidado da casa comum e atitude contemplativa. A reflexão do Papa Francisco*. In: REVISTA IHS ON-LINE, 17 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602927-cuidado-da-casa-comum-e-atitude-contemplativa>.

_____. Encontro “Religiões e Educação: Pacto Educativo Global”. Discurso do Papa Francisco. Sala Clementina, Terça-feira, 5 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>

PEREIRA, Lúcia Conceição. *A educação segundo Platão*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/a-educacao-segundo-platao/>. Acesso em: 18 fev. 2022.